HARTMUT ROSA

Aceleração

A transformação das estruturas temporais na Modernidade

Tradução
Rafael H. Silveira

Revisão técnica e tradução do prefácio à edição brasileira
João Lucas Tziminadis


editora unesp

Título original: *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

R788a

Rosa, Hartmut
Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade / Hartmut Rosa; traduzido por Rafael H. Silveira; revisão técnica por João Lucas Tziminadis. – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

Tradução de: *Beschleunigung: die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-393-0781-4

1. Sociologia. 2. Filosofia alemã. 3. Modernidade. 4. Sociedade tecnológica. 5. Tecnologia. I. Silveira, Rafael H. II. Tziminadis, João Lucas. III. Título.

2019-181 CDD 303
CDU 304.2

Editora afiliada:





Sumário

Escalada ou saída? O fim da estabilização dinâmica e o conceito de ressonância (Prefácio à edição brasileira) . *IX*

À guisa de prefácio . *LI*

I Introdução . *1*
1. Estruturas temporais na sociedade . *1*
2. Dois diagnósticos do tempo do presente . *27*
3. Reflexões preliminares para uma teoria da aceleração social . *43*

Parte I: A estrutura categorial de uma teoria sistemática da aceleração social

II Do amor ao movimento à lei da aceleração: observações da Modernidade . *69*
1. Aceleração e a cultura da Modernidade . *69*
2. Modernização, aceleração e teoria social . *94*

III O que é a aceleração social? . *125*
1. Uma reflexão preliminar: aceleração e aumento . *125*
2. Três dimensões da aceleração social . *140*

3. Cinco categorias da inércia . *159*
4. Sobre a relação de movimento e inércia na Modernidade . *178*

Parte 2: Efetuação e formas de manifestação: uma fenomenologia da aceleração social

IV A aceleração técnica e a revolução do regime espaço-tempo . *189*

V Declives escorregadios: a aceleração da mudança social e o aumento de contingências . *209*

VI A aceleração do "ritmo da vida" e os paradoxos da experiência temporal . *235*
1. Parâmetros objetivos: o aumento da velocidade de ação . *240*
2. Parâmetros subjetivos: pressão temporal e a experiência do tempo acelerado . *260*
3. Estruturas temporais e autorrelações subjetivas . *293*

Parte 3: Causas

VII Aceleração social como processo autopropulsor: o círculo aceleratório . *301*

VIII Aceleração e crescimento: forças motrizes externas da aceleração social . *319*
1. Tempo é dinheiro: o motor econômico . *321*
2. A promessa da aceleração: o motor cultural . *351*
3. A temporalização da complexidade: o motor socioestrutural . *373*

IX Poder, guerra e velocidade: Estado e Exército como aceleradores institucionais fundamentais . *395*

Parte 4: Consequências

X Aceleração, globalização, Pós-Modernidade . *425*

XI Identidade situacional: de errantes e jogadores . *451*
1. A dinamização do eu na era moderna . *451*
2. Da identidade substancial *a priori* à identidade estável *a posteriori*: a temporalização da vida . *456*
3. Da identidade temporalmente estável à identidade situacional: a temporalização do tempo . *465*

XII Política situacional: horizontes temporais paradoxais entre dessincronização e desintegração . *505*
1. Tempo na política – política no tempo . *505*
2. A temporalização da história na Modernidade . *513*
3. Horizontes temporais paradoxais: a destemporalização da história na Modernidade Tardia . *521*

XIII Aceleração e enrijecimento: uma tentativa de redefinição da Modernidade . *555*

XIV Conclusão: paralisia frenética? O fim da história . *597*

Índice de ilustrações . *637*

Referências bibliográficas . *639*

II
Do amor ao movimento à lei da aceleração: observações da Modernidade

1. Aceleração e a cultura da Modernidade

Tanto defensores quanto detratores da Modernidade, desde quando há uma discussão reconstituível, após a Renascença, sobre o "novo tempo", estão de acordo em *um* ponto: sua experiência fundamental constitutiva é de uma enorme aceleração do mundo e da vida e, assim, do fluxo de experiência de cada indivíduo. O quanto toda a história cultural da Modernidade tem sido interpretada, até o presente, sob a luz dessa experiência fundamental, foi deixado claro por toda uma série de trabalhos histórico-culturais recentes, cujo foco comum é interpretar a autointerpretação da Modernidade como reação a uma experiência modificada de tempo e espaço.[1]

Assim como Peter Conrad, para quem a Modernidade se trata simplesmente *da aceleração do tempo* (e, relacionada a isto, da

1 Conrad, 1999; Berman, 1988; Borscheid, 2004; Gronemeyer, 1996; Kern, 1983; Harvey, 1990.

dissolução de espaços fixos),[2] o cientista político e urbanista nova-iorquino Marshall Berman defende a tese que descreve a *Modernidade* como um estado de dinamicidade ininterrupta, que encontra sua expressão mais clara na célebre formulação do *Manifesto Comunista*: *Tudo que é sólido e estabelecido se volatiliza*. Em seu livro de título homônimo* (com o subtítulo *The Experience of Modernity*), Berman escreve:

> Há um modo de experiência vital – experiência de espaço e tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – compartilhado por homens e mulheres ao redor do mundo hoje. Chamarei esse conjunto de experiências "Modernidade". [...] Ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras geográficas e etnográficas, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: lançam-nos num turbilhão perpétuo de desintegração e renovação, de esforço e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo que é sólido se desmancha no ar".[3]

Berman descreve, em seguida, como essa experiência da dinamização, da transformação e da insegurança progressiva acompanha todos os processos da modernização, e como, na cultura da Modernidade (Berman usa aqui o termo "modernis-

2 Conrad, 1999, p.9.

* O título do livro de Berman é *All that Is Solid Melts into Air*, ao qual corresponde, em muitos casos, a tradução em português da famosa frase do *Manifesto*: "tudo que é sólido se desmancha no ar". A tradução aqui adotada, no entanto, é mais fiel ao alemão: "Alles Ständische und Stehende verdampft". [N. T.]

3 Berman, 1988, p.15.

mo" como reação à "modernização"), é elaborada, interpretada e, na medida do possível, colocada sob controle.

Ele situa o início da Modernidade, entendida como tal, nas observações de Jean-Jacques Rousseau sobre o "*tourbillon social*" em *Emílio*, atingindo seu primeiro ponto culminante de expressão artística no *Fausto* de Goethe.[4] No destino de Filémon e Baucis, como figuras-símbolo do mundo antigo e decadente *da inércia*, que são vitimados no último ato em que Fausto coloca a terra literalmente *em movimento*, Goethe deixa transparecer o quanto o "turbilhão social" associa transformações internas e externas. Como percebeu Friedrich Ancillon já em 1823, o dever de justificação [*Rechtfertigungspflicht*] passa, culturalmente, do movimento para a inércia:

> Tudo se tornou ou é tornado móvel e, na intenção ou sob o pretexto de aperfeiçoar tudo, tudo é posto em questão e duvidado, tudo, por sua vez, se encaminha para uma completa transformação. O amor ao movimento em si, mesmo sem intuito e sem um objetivo determinado, resultou e se desenvolveu dos movimentos do tempo presente. Nele, e somente nele, se procura a vida real.[5]

O ônus da prova recai não mais sobre os modificadores, mas sim sobre aqueles que se atêm ao existente, seja no cotidiano, na política ou na arte. Como Berman esclarece com uma citação

4 Também Marianne Gronemeyer (1996, p.121 ss.) enxerga na agitação e inquietude de Fausto, que amaldiçoa a paciência, a expressão paradigmática do ideal da vida moderna.

5 Citado em Koselleck, 1989, p.328.

do urbanista nova-iorquino Robert Moses, cujas escavadoras reviraram violentamente grande parte de Nova York e especialmente o Bronx (de forma muito semelhante aos tratores de Haussman cem anos antes em Paris), pessoas que "amam as coisas como elas são" não têm, na Modernidade, "nenhuma esperança".[6] É o *amor ao movimento em si*, como formula Ancillon, que parece constituir seu princípio fundamental.

Tal princípio fundamental é experienciado, porém, desde o começo, como ambivalente, tanto como *caminho para a vida real* e *promessa de progresso*, quanto como *abismo infindável* e *turbilhão devorador*. Ambivalência essa que é constitutiva para a cultura da Modernidade. Ela pode ser encontrada em Goethe, que se via dividido por um lado entre a admiração e o entusiasmo pelas conquistas sociais e técnicas e, por outro, pela preocupação com as qualidades profundamente destrutivas do "velociférico", da velocidade mefistofélica do novo mundo[7] – e também em Nietzsche, cuja concepção do ser sobre-humano [*Übermensch*] dinâmico-energético é encoberta pelo temor de uma nova barbárie:

> Na imensa aceleração da vida, espírito e olho são acostumados a uma visão e a um julgamento pela metade ou falsos [...]

6 Berman, 1988, p.294.

7 A respeito do último aspecto, ver sobretudo Osten, 2003, 2006. Em uma carta do ano de 1825, Goethe descreve o novo tempo com o neologismo "velociférico" e observa: "Como a maior infelicidade de nosso tempo, que não permite nada amadurecer, tenho de considerar o fato de que no instante seguinte o anterior é devorado, o hoje era para ontem e vive-se sempre de migalhas, sem coisa alguma pela frente" (Goethe, 1825, p.37; ver, em detalhes, Osten, 2006, esp. p.2 ss.).

> Por falta de tranquilidade, nossa civilização caminha rumo a uma nova barbárie. Em época alguma as atividades, isto é, as intranquilas, valeram tanto. Portanto, parte das correções necessárias que se deve operar no caráter da humanidade é o fortalecimento em grande escala do elemento contemplativo.[8]

Em *Considerações extemporâneas*, Nietzsche não deixa dúvida de que a aceleração, a volatilização e a dissolução das condições e convicções existentes, "o despedaçar e esfarrapar furioso e irrefletido de todos os fundamentos, sua dissolução em um tornar-se fluido e afluente, o incansável tecer e historizar de tudo pelo homem moderno, a grande aranha no nó da teia do universo",[9] constituem o princípio fundamental da cultura moderna.

Nesse desenvolvimento, Nietzsche acredita reconhecer o germe do declínio e da decadência. Ao pensar "na pressa geral e na crescente velocidade de queda, na interrupção de toda tranquilidade e simplicidade" é quase como "se ele percebesse os sintomas de uma completa extirpação e erradicação da cultura".[10] Essa ambivalência pode explicar também o efeito das tão influentes caracterizações culturais e históricas da Modernidade de Baudelaire. No ensaio *O pintor da vida moderna*, ele define (e celebra) a Modernidade como o efêmero e continuamente fu-

8 Nietzsche, 1988a (I, 5 Caracteres da alta e da baixa civilização [ou Anzeichen höherer und niederer Kultur], §282 e §285), p.231; ver ainda Osten, 2003 e 2006.

9 Nietzsche, 1988b (Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben ou Da utilidade ou inconveniência da História para a vida, §9), p.313; ver ainda Frisby, 1988, p.28 ss.

10 Nietzsche, 1988b (Schopenhauer als Erzieher ou Schopenhauer como educador, §4), p.366.

gidio, como "o transitório, o fugaz, o casual, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável".[11] Com a fugacidade do momento moderno, o desejo do eterno e intransitório é transportado e atualizado de uma nova maneira – a *outra metade* da arte –, em nome da qual Baudelaire manifesta, algumas vezes, com relação à ideia do progresso (tecnológico), constitutiva para a Modernidade, nada além de ódio e desprezo, como ao concluir que o desejo de autoaniquilamento, inerente à ideia do progresso, é suicida e conduz ao eterno desespero.[12]

Neste ponto, não se deve tratar, no entanto, da questão da avaliação das experiências de dinamização conquistadora, mas sim da verificação do efeito de sua influência cultural, determinante em todos os campos de produção cultural, de arquitetura, pintura e escultura até literatura e música.[13]

Nas obras dos cubistas e futuristas como Fernand Léger, Jean Metzinger, Giacomo Balla ou Umberto Boccioni, mas

11 Baudelaire, 1989, p.226. David Frisby (1988) também vê a característica fundamental da Modernidade nessa mesma definição de Baudelaire da Modernidade como o *transitório, fugaz e casual*, retomada por Walter Benjamin (1980).

12 Ver Baudelaire, 1976, p.575-83 (*Méthode de critique. De l'idée moderne du progrès appliquée aux beaux-arts*); também sobre isso, Berman, 1988, p.138 e 142; Frisby, 1988, p.14-20.

13 Para Stephen Kern é exatamente uma transformação multidimensional da experiência de tempo e espaço que marca a cultura moderna, porém não é por acaso que, no centro de seu estudo de história cultural, na interseção entre suas análises da *experiência temporal* modificada e as análises de *percepção espacial*, haja um capítulo sobre a (crescente) *velocidade*, no qual é colocado explicitamente que ela representa um ponto decisivo e uma ligação entre estruturas espaciais e temporais (1983, p.3 e 189 ss.).

também, é claro, nos trabalhos de William Turner[14] ou Marcel Duchamp – que em sua pintura *Nude Descending a Staircase*, de 1912, tentou transpor de forma artística a ideia de Einstein[15] de expressar espaço e tempo por meio da representação abstrata do *movimento* –, fica claro o esforço de traduzir a dinamização e a fragmentação da experiência com o espaço e com o mundo em uma nova linguagem formal. David Harvey, como Stephen Kern, mostra como o quadro cubista *La Tour Eiffel* (1911), de Robert Delaunay, expressa exatamente tal ideia de uma representação do tempo através da fragmentação espacial, que vem a ser a base da aceleração da produção industrial por Henry Ford através da linha de montagem.[16]

Na música pode-se observar recorrentemente o quanto a velocidade de execução de obras clássicas desde o século XIX aumentou. É possível constatar, através da comparação da duração média das gravações de uma mesma obra ao longo das décadas, apesar de alguns contramovimentos "desacelerado-

14 Sobretudo em seu famoso quadro *Chuva, vapor e velocidade: a grande ferrovia do leste*, de 1844; ver Braun, 2001, p.87 ss.

15 Ver Conrad, 1999, p.82.

16 "Ford [...] fragmentou tarefas e as distribuiu no espaço [...] Com efeito, ele usou uma determinada forma de organização espacial para acelerar o tempo de rotação do capital na produção. O tempo podia então ser acelerado em virtude do controle estabelecido pelo organizar e fragmentar a ordem espacial de produção" (Harvey, 1990, p.266). Ver sobre isso a máxima de Jean Metzinger: "os cubistas [...] permitiram a si mesmos mover-se em torno do objeto para dar, sob o controle da inteligência, uma representação concreta do mesmo, feita de vários aspectos sucessivos. Antes uma pintura se apoderava do espaço, agora ela reina também no tempo" (em Kern, 1983, p.145).

res", uma "tendência à contração".[17] Fora até mesmo afirmado que, em face da alta velocidade da vida de hoje, as sinfonias de Beethoven *teriam* que ser executadas mais rápido para alcançarem um efeito comparável.[18] No entanto, também na própria técnica de composição, desde o período barroco até o Romantismo, tornaram-se cada vez mais importantes os contrastes de ritmo e, consequentemente, também os efeitos de dinamização – o início de uma sonata para piano de Schumann traz a surpreendente indicação "tão rápido quanto possível", para permitir, logo em seguida, uma velocidade ainda maior.[19] A Maurice Ravel pertencem os talvez mais acentuados experimentos com efeitos dinamizadores. Seu *Bolero*, por exemplo, busca um efeito aceleratório ilusório por meio da variação da instrumentação. Darius Milhaud, por fim, elevou a concepção de aceleração musical ao absurdo em suas três *operas minutes* (1927) ao elaborar o conteúdo de três tragédias gregas em poucos minutos.

Também as formas do jazz e de vários estilos musicais da música pop e rock foram interpretadas como reflexos do ritmo e do sufocamento da vida urbana moderna. A própria palavra "jazz" parece ser uma expressão coloquial para velocidade (*speed*).[20] Assim, parece plausível a suposição de que os novos estilos de música pop apresentam a tendência de se tornar cada vez mais rápidos até que um ponto crítico (de possibilidade de execução ou de recepção) seja atingido – em seguida, é preciso encontrar novas formas de expressão, caso contrário há o risco da perda de popularidade. Isso vale provavelmente para a música punk das décadas de 1970 e 1980, mas com certeza para o heavy metal, que atingiu e ultrapassou seu auge de popularidade na segunda metade da década de 1980 na forma do "speed-metal" com rapidez alucinante, e para a música techno dos anos 1990, quando se originou uma verdadeira corrida pelo maior número de "*beats per minute*".[21] O efeito de tal música nos ouvintes pode ser completamente ambivalente – Donna Gaines relata, por exemplo, em seu livro *Teenage Wasteland*: "Trash [uma variante próxima do speed-metal, H. R.] é tão rápido que na verdade acalma o ouvinte; é relaxante, como Ritalina". Barbara Volkwein confirma o efeito, que é central para a presente investigação, de uma "conversão" da experiência do tempo frenético em uma sensação de paralisação e enrijecimento do tempo, no que diz respeito à percepção temporal da cena techno.[22] Diferente é o fenômeno, evidentemente não menos significante, de que a atratividade da música disco e de grande parte da música techno, baseia-se, em grande medida, no fato de sua batida média estar pouco acima do ritmo cardíaco huma-

17 O mesmo parece se aplicar à velocidade dos diálogos no teatro. Eriksen (2001, p.49) relata, por exemplo, que as horas de duração do drama *Rosmerholm*, de Ibsen, teriam se reduzido, em menos de um século, de quatro para menos de duas.

18 O que não deixa de ser irônico, uma vez que as indicações metronômicas de tempo em Beethoven são notoriamente rápidas, o que deu ocasião a especulações de que seu metrônomo seria desregulado, ou seja, muito lento, ou que ele teria tomado dois tempos por apenas um (ver Hagmann, 2003); sobre a temporalidade verdadeiramente *revolucionário-dinâmica* como na *Eroica* e sobre a nova experiência de um "tempo impetuoso" proporcionada por essa sinfonia, ver ainda Brinkmann, 2000.

19 Ver Lübbe, 1998, p.283.

20 Ver Kern, 1983, p.124.

21 Volkwein, 2000.

22 Gaines, 1998, p.203; Volkwein, 2000, p.403 ss., esp. p.407.

no normal, tendo assim, por consequência, um efeito acelerador e excitante. Nesse caso, entretanto, trata-se menos de uma *elaboração* artística de uma experiência transformada de tempo e espaço, do que de sua reprodução industrial. Seus vestígios encontram-se também em outras manifestações da cultura popular e do universo midiático, tais como no corte e sequência de imagens cada vez mais rápidos em filmes e na televisão, ao longo do século XX, até serem finalmente substituídos, em seu princípio de associação narrativa linear, por uma técnica de dissolução associativo-fragmentária e caleidoscópica, como a que tornou a emissora MTV mundialmente famosa com seus videoclipes comerciais e musicais.[23]

Na literatura da Modernidade, finalmente, tornaram-se onipresentes as experiências do "turbilhão social", da reviravolta contínua e acelerada do existente, e a vivência traumática e chocante dos transformados – através da tecnicização – mundos da vida. Não as encontramos apenas em Goethe e nos romances de Rousseau, mas também, por exemplo, na lírica do Romantismo; em *O cavalo de vapor* [*Das Dampfroß*], de Adelbert von Chamisso, no qual o "ícone da velocidade" deixa o "tempo corrente" para trás,[24] na observação, apenas em parte irônica, de Heinrich Heine sobre o extermínio dos nossos conceitos elementares de espaço e tempo pela ferrovia,[25] ou nos testemunhos do Expressionismo, como Georg Heym ou Georg Trakl, para os quais o "demoníaco" das cidades residia também na velocidade e na dinâmica violenta de suas transformações e movimentos.

Também os grandes romances do século XX podem ser entendidos como reações à imposição da aceleração na Modernidade. O *Ulisses*, de James Joyce, transforma e representa essa imposição em um fluxo de consciência que parece permitir apenas o presente, enquanto Marcel Proust se põe em busca de um passado que, na "era da velocidade", à qual seus protagonistas se referem explícita e afirmativamente, parece estar irreparavelmente perdido e museificado.[26] Thomas Mann concebe *A montanha mágica* como um "romance temporal", que reflete não apenas sobre os paradoxos da experiência temporal, mas que faz da aceleração como que um princípio de sua estrutura narrativa; o tempo flui cada vez mais rápido no decorrer do romance, de modo que um mesmo número de páginas que representa, no começo do livro, apenas algumas horas do tempo narrado, passa, em seguida, a dias, depois semanas e, ao fim da obra, meses e anos se comprimem em poucas páginas.[27]

---

23 Ver Kemper, 1995; Schneider; Geißler, 1999; Gleick, 1999; Großklaus, 1997, esp. p.11 ss.

24 Citado em Koselleck, 2000, p.150.

25 "Que transformações têm que se efetuar hoje em nossas visões e nossas ideias! Até mesmo os conceitos elementares de tempo e espaço se tornaram instáveis. Através da ferrovia mata-se o espaço, restando somente o tempo", escreveu Heine em 1843 (Heine, 1974, p.449). Em outro ponto: "Começa uma nova etapa na história mundial [...] Percebemos apenas que toda nossa existência é levada, é arremessada para novos trilhos, que novas relações, novas alegrias e aflições nos esperam e o desconhecido exerce um fascínio terrível, atraente e ao mesmo tempo assustador" (ibid., p.448).

26 Sobre a relação de Proust com o ritmo acelerado das mudanças sociais e com a "compressão do espaço" pelas novas tecnologias de transporte, ver também Conrad, 1999, p.91 ss.

27 Notável ainda nesse contexto é também *O homem sem qualidades* (*Der Mann ohne Eigenschaften*), de Robert Musil, cujo protagonista é introduzido peculiarmente com um relógio (cronômetro) na mão a contar

David Harvey conclui de tais observações que a cultura da Modernidade, como um todo, deve ser compreendida apenas como reação à experiência transformada e crítica do espaço e do tempo, que, por sua vez, deveria ser conceitualizada como resultado de sucessivas ondas de "compressão espaçotemporal", portanto da aceleração do ritmo da vida e aniquilação do espaço pelo tempo.[28]

É plausível supor que as ondas de aceleração, como cerne do processo de modernização, são causadas principalmente por inovações técnicas e sua implantação industrial. A introdução da máquina a vapor nos galpões das fábricas e, logo após, a construção das ferrovias; a difusão em massa de bicicletas e, em seguida, de automóveis, e mais tarde de aviões; a aceleração da comunicação através de telégrafos e pelo telefone e, por

pedestres e carros: "ele apreciava a velocidade, os ângulos, as forças vívidas das massas passando, que os olhos atraem rapidamente para si, apreendem e soltam [...] Caso se pudesse medir os saltos de atenção, a atividade dos músculos oculares, o movimento pendular das almas e todos os esforços que uma pessoa deve fazer para manter-se de pé no fluxo de uma rua, teríamos provavelmente [...] uma grandeza comparada àquela força que Atlas precisava para sustentar o mundo seria insignificante, e se poderia mensurar o desempenho descomunal que hoje desempenha uma pessoa que não faz absolutamente nada" (Musil, 1978, p.12). Interessante notar que a aritmomania, compulsão por contar coisas, é considerada um dos sintomas da *síndrome da pressa* (Levine, 1999, p.52), que adquire certa plausibilidade intuitiva em nossa época, quando algumas pessoas acompanham cada mínima variação dos milésimos de seu aparelho de pressão sanguínea, outras fazem o mesmo com as casas centesimais e milesimais das diferenças de segundos entre atletas e outras, ainda, registram pela internet, televisão e jornais mesmo as mais sutis variações de câmbio nas bolsas.

28 Harvey, 1990, p.240 ss., 267, 284 ss., 305 ss.

fim, pela internet; o estabelecimento do rádio transistorizado e das "imagens animadas": todas essas formas de aceleração tecnológica de transporte, comunicação e produção modificaram o universo de experiência e a cultura cotidiana de forma por vezes chocante e traumática, levando a uma sensação autotransformadora do *estar no tempo* e *estar no mundo*, de modo que esse mundo parece, como Stefan Breuer observa em ligação com Virilio, desde a Revolução Industrial, irromper sobre os sujeitos "incessantemente com a violência de um acidente",[29] de tal maneira que os conceitos de *choque* e *trauma*, provenientes da medicina, parecem categorialmente bastante apropriados. Resumindo, elas conduziram àquilo que Harvey define como "compressão do espaço-tempo".[30]

A característica ambivalência na *avaliação* de tais transformações para a Modernidade se evidencia reiteradamente nas discussões culturais sobre cada uma dessas inovações, como na formulação de Heine, em conexão com as testemunhas da época, de um "elemento sedutor e ao mesmo tempo assustador". W. G. Greg formula já em 1877:

> Sem dúvida, a característica mais marcante da vida nesta segunda metade do século XIX é a rapidez – a pressa que a satisfaz, a velocidade em que nos movimentamos, a alta pressão sob a qual trabalhamos –, e vale, primeiramente, refletir se essa alta velocidade é algo bom e, em segundo lugar, se ela vale o preço

29 Breuer, 1988, p.323; sobre o significado do "acidente" em Virilio, ver Crogan, 2000 e Virilio, 1998c, p.183 ss.

30 Ver também Kern, 1983, p.109 ss.; Conrad, 1999, p.91 ss. Sobre *choque* e *trauma*, ver as interessantes reflexões de Schivelbusch (2000, p.142 ss.).

que pagamos – um preço que só podemos estimar e dificilmente definir de maneira segura.[31]

Cada inovação que proporcionou aumento de velocidade trouxe, com sua introdução, uma forma de "luta cultural" [*Kulturkampf*], na qual os inflamados defensores das novas tecnologias, que louvavam as possibilidades e as promessas a surgir, se defrontavam com adversários igualmente convictos, que alertavam tanto para a perda das medidas humanas e de um mundo da vida controlável, quanto para as consequências da nova tecnologia, nocivas física e psiquicamente. Os alertas vão desde "deformação facial de ciclistas" em função da alta resistência do vento, passando por decomposição cerebral e problemas estomacais devido à alta velocidade em ferrovias e, mais tarde, em viagens de carro,[32] até visões apocalípticas da extinção total da cultura ocasionada pelo consumo massivo de televisão[33] ou do isolamento incurável e depressivo como consequência do uso prolongado da comunicação por *e-mail* e internet. Desse ponto de vista, os difundidos alertas sobre danos cerebrais causados pela telecomunicação móvel parecem um *déjà-vu*.

Da história dessa "luta cultural" em torno das tecnologias aceleratórias apresentam-se três conclusões sistemáticas: primeiramente, o processo tecnológico de aceleração não ocorre de modo linear uniforme, mas sim em saltos [*schubweise*], de modo que ele sempre encontra obstáculos, resistência e contramovimentos que podem retardá-lo, interrompê-lo e, por vezes, até inverter seu sentido.[34]

Em segundo lugar, um impulso aceleratório da técnica é quase sempre seguido pelo estabelecimento de um discurso aceleratório-desaceleratório, no qual o apelo à desaceleração e à nostalgia pelo "mundo lento" – cuja lentidão só se torna qualidade quando vista em retrospectiva – superam, em geral, o entusiasmo pelo ganho de velocidade.[35] Movimentos culturais como o Futurismo nos escritos e manifestos de Filippo Tomaso Marinetti, especialmente no seu muito citado manifesto de

31 Citado em Levine, 1999, p.206.

32 Sobre a "deformação facial de ciclistas", ver Kern, 1983, p.111; sobre a luta pela ferrovia, ver especialmente Schivelbusch, 2000, p.35 ss. e 106 ss.; ver ainda Levine, 1999, p.111 ss.

33 A respeito da televisão, tais ideias se mantiveram até o presente mesmo nas ciências sociais. Robert Putnam (1995), por exemplo, atribui a perda de capital social nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos à influência nociva desse meio de comunicação.

34 O neurologista Willy Hellpach registrou, no início do século XX, não apenas um "aumento impressionante de processos mentais", mas ao mesmo tempo toda uma série de fenômenos retardatórios paralelos (que remetem aos estudos de Norbert Elias): "Precisamos de bem mais tempo para sermos educados [...]; quase todos os povos civilizados comem de forma mais lenta e mais trabalhosa que a maioria dos povos 'naturais'; durante o século XIX, com sua aceleração vertiginosa do tráfego, todas as vias se tornaram mais lentas e o avanço profissional, cada vez mais moroso" (citado por Radkau, 1998, p.25; ver Kern, 1983, p.126).

35 É preciso levar em conta que a percepção de processos de dinamização desenvolvida, ou seja, do aparecimento de "discursos de aceleração" pode estar totalmente dessincronizada com processos de aceleração observáveis de forma material; tal deslocamento e autonomização são até mesmo previsíveis. No entanto, sem dúvida há entre discurso e realidade "material" uma forte relação de interdependência; a suposição de que a aceleração seria um mero fenômeno discursivo sem fundamento na experiência material é errônea e refutável através de evidências empíricas.

fundação, de 1909, que celebraram euforicamente o êxtase e o triunfo da recém-criada e (a partir de então) "eterna e onipresente velocidade", vendo nesta, a princípio, uma nova estética, e, mais tarde, uma nova religião e moral, permanecem uma exceção.[36] A oposição, partidária da desaceleração deliberativa, nunca teve problemas em expressar, de forma original, seus protestos contra a velocidade – seja no ensaio de Walter Benjamin sobre a moda parisiense de 1840, observada no *flâneur*, de se passear com *tartarugas* pelas Passagens, ou no contemporâneo projeto de Peter Heintel de uma *associação pelo postergamento do tempo* em Klagenfurt.[37]

Em terceiro, apesar da hegemonia discursiva dos *desaceleradores* da alta cultura, até o momento cada uma dessas "lutas culturais" terminou com a vitória dos *aceleradores*, ou seja, com a introdução e a implantação das novas tecnologias. A marcha triunfal das tecnologias da aceleração é flanqueada por uma cultura popular entusiasmada com a velocidade, que promete e celebra, em publicidades, no esporte e na vida cotidiana, ganhos de tempo, encontrando sua expressão paradigmática na fascinação e no sucesso do *fast-food*, da *Blitzkrieg*, de pilotos de Fórmula 1 e de atletas de luge, ou de emissoras de rádio que transmitem suas notícias dois minutos antes da hora cheia e apresentam *slogans* como "informe-se dois minutos mais cedo com a nossa rádio".

36 "Para cada amante da velocidade como Marinetti havia centenas que preferiam o jeito como os rios correm e como as barcas neles deslizam. O Danúbio nunca pareceu tão deliciosamente lento até que ele [Marinetti, H. R.] sugeriu aumentar sua velocidade" (Kern, 1983, p.129; com relação a Marinetti, ver [1909] 1966, p.26 e 1916).

37 Benjamin, 1982, p.532; Heintel, 1999, p.231 ss.

É inútil discutir quando exatamente surgem os mais fortes impulsos de aceleração – em parte devido à ocorrência frequente, na Modernidade, de inovações técnicas e organizatórias particulares e à discussão cultural sobre a dinamização da vida, que não silencia em nenhum momento, e em parte porque os impulsos de inovação nos diversos campos do transporte, da produção ou da comunicação não ocorrem necessariamente de forma simultânea. Mesmo assim há um consenso na literatura científica sobre duas ondas de aceleração significantes. Primeiramente é unânime que as décadas antes e depois de 1900 trouxeram consigo, em função da Revolução Industrial e de suas inovações técnicas amplamente abrangentes, também uma revolução da velocidade em quase todas as esferas da vida.[38] Certamente não é coincidência o fato de Werner Siemens e Henry Adams postularem justamente nesse período (1886 e 1904), independentemente um do outro, uma "lei da aceleração" do desenvolvimento cultural. A "lei claramente reconhecível é a contínua aceleração de nosso atual desenvolvimento cultural", esclarece Siemens,[39] enquanto Adams nos lega, em sua obra autobiográfica *The Education of Henry Adams*, um impressionante exemplo de experiência cultural no qual as mudanças súbitas e massivas do universo de experiência aparecem como explosivas, violentas, inelutáveis e controladas por forças desumanas (Adams fala, de forma algo enigmática,

38 Stephen Kern concentra sua análise nos anos entre 1880 e 1918, seguido por Harvey, que postula, para esse período, um novo ciclo da compressão tempo-espaço; também para Marshall Berman o processo de modernização entraria numa nova fase, mais intensa, por volta de 1900 (Berman, 1988, p.17).

39 Citado por Koselleck, 2000, p.178.

constantemente de uma "força" e de "forças" que impulsionam o processo de aceleração). É informativo reproduzir aqui um excerto do capítulo intitulado *A Law of Acceleration* sobre as transformações observadas por Adams desde os anos 1890:

> Nada tão revolucionário aconteceu desde o ano 300. O pensamento havia sido, mais de uma vez, desarranjado, mas nunca capturado e centrifugado no vórtice de forças infinitas. O poder saltava de cada átomo, e uma quantidade suficiente para suprir o universo estelar extinguia-se em cada poro da matéria. O homem não detinha mais seu domínio. As forças o tomavam pelos pulsos e o arrebatavam como se ele estivesse preso a um cordão da vida ou a um automóvel em fuga; o que estava bem próximo da exata realidade [...] Não havia mais impossibilidades no caminho. A vida das pessoas era repleta de impossibilidades. Antes de completar seis anos, o garoto tinha visto quatro impossibilidades se tornarem atuais – o navio a vapor sobre o oceano, a ferrovia, o telégrafo e o daguerreótipo; nem poderia jamais aprender qual das quatro teria precipitado o aparecimento das outras. [...] A natureza revoltava-se todos os dias, causando assim chamados acidentes com enormes destruições de propriedades e vidas, enquanto ria-se claramente do homem, que gemia, berrava e estremecia, mas não podia parar nem um instante. As próprias ferrovias se aproximavam de um massacre de guerra; automóveis e armas de fogo destruíam a sociedade de tal forma que até um terremoto se tornou quase um descanso para os nervos.[40]

Se, como sugere Joachim Radkau, o surgimento de um novo discurso da medicina patológica sobre a aceleração, ou o diagnóstico, amplamente atuante, de um novo quadro patológico induzido pela velocidade, podem ser tomados como o sintoma talvez mais claro de um impulso geral de aceleração, logo, também, o alastrado discurso neurastênico (repercutido em Adams) – que se seguiu à introdução dessa categoria diagnóstica por George M. Beard, em 1881, e levou Radkau a tratar as primeiras décadas do século XX como a "era do nervosismo" – atesta a significância das transformações por volta de 1900.[41] Seguindo esse indicador surgem fortes indícios de um grande impulso de aceleração recente na transição do século XX para o XXI:[42] Desde a "síndrome da pressa", passando pela "gripe *yuppie*" até a *síndrome de déficit de atenção* em crianças e jovens, praticamente onipresente hoje, e a *depressão* clínica como reação às imposições da aceleração da sociedade globalizada, proliferam os diagnósticos de doenças induzidas pelo ritmo acelerado do presente.[43]

40 Adams, [1904] 1999, p.411 ss.

41 Radkau, 1998; ver Kern, 1983, p.124 ss.

42 A diagnose de uma nova onda de aceleração é colocada também nas ciências sociais, embora da mesma forma não haja clareza sobre seu princípio, como nos predecessores. Castells (1996, p.5), por exemplo, reconhece uma revolução da tecnologia da informação que ele categoriza no mesmo patamar que a Revolução Industrial, vendo seu princípio nos anos 1970, enquanto Thomas H. Eriksen (2001, p.2), que interpreta a mesma revolução mais claramente que Castells como *Revolução da aceleração*, toma seu princípio pela segunda metade dos anos 1990. David Harvey (1990, p.VII) data bem precisamente o começo de uma nova rodada da *compressão tempo-espaço* como sendo o ano de 1972. Ver sobre isso mais adiante o Capítulo X.

43 Harvey, 1990, p.287; Levine, 1999, p.52 ss.; Ulmer; Schwartzburd, 1996; Ehrenberg, 2000.

Em consonância a isso expandem-se, também, os discursos aceleratórios e desaceleratórios como reação ao aumento significativo de velocidade por meio da revolução digital e política, de 1989 até a virada do milênio: *falta de tempo* e *aceleração* são temas constantes nas mídias popular-científicas e em suplementos culturais de grandes jornais; "manuais de administração do tempo" e "autoajuda" para a melhora da administração temporal estão em forte alta,[44] assim como as opiniões alarmantes dos desaceleradores oposicionistas crescem violentamente: livros e movimentos que prescreveram a lentificação consciente – tais como o best-seller *A criatividade da lentidão*, de Fritz Reheis, ou a *Descoberta da lentidão*, de Sten Nadolny, ou ainda a chamada *Associação pelo Postergamento do Tempo* – repercutem tão fortemente que Peter Glotz acredita observar aqui o surgimento de uma nova ideologia oposicional dominante.[45]

Juntamente a isso, tanto defensores quanto críticos de uma nova cultura da "Pós-Modernidade" concordam que um de seus fatores distintivos seria o recente *aumento da velocidade* de processos sociais.[46]

Se a revolução digital e o aumento da velocidade de transações – discutido sob o termo "globalização" – são, de fato,

44 Ver, por exemplo, o *best-seller* de Lothar J. Seiwert (2000), atualmente já em sua quinta edição na Alemanha, *Quando estiveres com pressa, vá devagar*: o novo gerenciamento de tempo em um mundo acelerado.

45 Reheis, 1998; Nadolny, 1987; Heintel, 1999; Glotz, 1998.

46 Ver o abrangente estudo de Kay Kirchmann sobre a relação entre desenvolvimento de mídias e aceleração em processos de modernização, no qual ele opõe os que alertam apocalipticamente sobre a nova velocidade, inspirados por Paul Virilio, e os apologistas da aceleração midiática, próximos a Peter Weibel (Kirchmann, 1998, p.16 ss.).

ímpares na história ou se ambos são empalidecidos quando comparados àquilo que a Revolução Industrial trouxe em termos de transformação da experiência (ainda que apenas pelo fato de que, como presumiu Koselleck, experiências de aceleração podem se tornar usuais),[47] é uma questão que mal pode ser respondida e nem se mostra especialmente relevante. No que tange aos fenômenos observados, ou seja, a aceleração de processos direcionados – como o aumento da velocidade dos transportes, da comunicação e da produção –, os eventos de aceleração isolados possuem um efeito cumulativo: seus respectivos processos são sempre mais uma vez acelerados.

Outra questão, de consequências importantes, é saber se o próprio processo de aceleração se acelera, como indicam as "leis da aceleração" postuladas por Siemens e Adams,[48] que apresentam as ondas de aceleração como cada vez mais próximas umas das outras nas diferentes áreas da vida, de forma que as próprias taxas de transformação se elevam até chegar, por fim, a uma mudança permanente. Tal processo de aceleração não pode ser entendido como uma forma da aceleração técnica, mas conceitua-se como um sintoma da aceleração das mudanças sociais.

Outros dois fenômenos, no entanto, que exigem explicação, argumentam em favor da necessidade de uma análise sociocientífica sistemática da dinâmica da aceleração moderna.

47 Koselleck, 2000, p.152 ss.

48 David Harvey, ao alertar veementemente para os "perigos geopolíticos" de uma *velocidade aumentada* da compressão tempoespacial, postula assim nada menos que uma *aceleração da aceleração*, embora ele defina, como vimos, a própria compressão como aceleração (Harvey, 1990, p.305).

O primeiro deles se refere ao fato de que a experiência da aceleração e da escassez temporal, no centro do processo de modernização, não são de forma alguma uma simples *consequência* da aceleração técnica. Muito pelo contrário, parecem ser um pressuposto da última. Como observaram, por exemplo, Hans Blumenberg, Reinhart Koselleck, Helga Nowotny ou Marianne Gronemeyer, a impaciência do Iluminismo, que se desenvolveu da desintegração do espaço de experiência e do horizonte de expectativa históricos, e a ela ligadas ideias de "razão atrasada", de progresso e da acelerabilidade da história foram *pressupostos* constitutivos para o subsequente triunfo das ciências naturais e da Revolução Industrial.[49]

Koselleck retrata de forma impressionante como a *percepção* de uma aceleração social e histórica (secular, mas que logicamente teria suas raízes, em parte, em expectativas escatológicas mais antigas) surge, desde aproximadamente 1750, no curso da formação de uma nova compreensão histórica "temporalizada", a partir da qual o "espaço de experiência" da história e o "horizonte de expectativa" do futuro podem paulatinamente se separar. Independente de tais reflexões, mas em consonância com elas, Marshall Berman e David Harvey também situam o início da dinamização moderna ou da compressão tempo-espaço na Renascença.[50] O princípio da dinamização e da aceleração

49 Blumenberg, 1986; Nowotny, 1993, p.47 ss.; Gronemeyer, 1996. Ver Koselleck, 2000, p.157: "Faz parte [...] das descobertas do limiar do nosso tempo o fato de que, mesmo antes da invenção da máquina a vapor, do tear mecânico e do telégrafo, que aceleraram o trânsito, o setor de produção têxtil e a transmissão de notícias, *é registrada uma crescente rapidez da vida como um todo*" [grifos no original, H. R.].

50 Berman, 1988, p.17; Harvey, 1990, p.242 ss.

parece, assim, ser inerente à cultura da Modernidade desde o princípio, mesmo antes que ela se fizesse perceptível em suas estruturas materiais.

De forma interessante se manifesta aqui, no mesmo contexto temporal, o já destacado "avesso" da aceleração, que designa o segundo fenômeno carente de explicação aqui identificado: a alastrada e complementar experiência de *processos de enrijecimento*. Essa experiência pode ser identificada não apenas nos conceitos e diagnósticos do tempo de orientação teórica, mas também nos testemunhos e nas auto-observações culturais como um subtexto que se fortalece com o avanço da Modernidade. Experiências de *paralisação* parecem ocorrer não apenas em concomitância com a sensação de aumento das velocidades de transformação e de ação: elas se revelam de fato experiências complementares de seus avessos. Na cultura e no discurso da sensibilidade, que apontavam exatamente o "aumento da vida nervosa" qualitativa e quantitativa e eram considerados por Simmel como sintoma da aceleração, desenvolveu-se, muito antes da Revolução Industrial, mas já reconhecível no horizonte da Modernidade, um contrassintoma marcante sob a forma da *melancolia* ("negra"). Seus acometidos, identificados de preferência como "hipersensíveis", entravam num estado de paralisia e inércia, de vazio atemporal, sem passado nem futuro.[51] Essa experiência retorna na segunda metade do século XIX e no *fin de siècle*, fortalecida e discursivamente variada, sob a forma da amplamente difundida (sobretudo em círculos li-

51 Ver, por exemplo, Schings, 1977; e também o Capítulo XI.3.

terários) sensação existencial de *ennui*, de tédio, *boredom*, rumo a uma época na qual as condições de vida se modificaram de fato muito rapidamente em função da Revolução Industrial. "Como que em reação à força gasta tão freneticamente em produção e concepção [...], o centro mais ativo na história mundial era também o mais atingido pelo nervosismo, atraído pela letargia."[52]

Assim, o *ennui* se tornou não apenas para Baudelaire uma consequência ineludível justamente daquela cultura burguesa devotada ao instante fugaz, mas também para Nietzsche, que acreditou reconhecer por trás da mudança acelerada da sociedade moderna o eterno retorno do mesmo e interpretou suas tendências aceleratórias culturais como fuga ao tédio alastrante.[53] No princípio do século XX, os mesmos sintomas tomam a forma expressiva específica da patologia aceleratória conhecida como *neurastenia*. Segundo Radkau, o "*mal du siècle*", sob um novo nome, identificado por Alfred de Musset já em 1836,[54] também se torna a doença (ou o discurso dominante) do início do século XX. E, como já apresentado, a experiência do tempo que flui vagarosamente ou que não passa, o colapso de um horizonte significante de passado e futuro, como o outro lado da percepção do "tempo acelerado", desempenham um papel fundamental também na virada para o século XXI em todos os planos culturais. Como sintoma patológico da depressão

52 Conrad, 1999, p.17; sobre a localização sociodiscursiva e histórica da melancolia, ver ainda Lepenies, 1981.

53 Ver ainda Frisby, 1988, p.11-37, sobre essa faceta da virada dialética da transformação célere à inércia concisa.

54 Ver Conrad, 1999, p.17; Radkau, 1998.

clínica, nos discursos *post-histoire* e, na literatura, nos contos de Douglas Coupland, que em *Generation X* – livro que foi estilizado pelo jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* como "catequese de uma Modernidade tardia" e "como livro das verdades no fim do século" e que ao mesmo tempo tenta oferecer um conceito para a caracterização sociológica de toda uma geração[55] – parece confirmar a tese de Fredric Jameson de uma queda iminente das antinomias entre mudança e permanência, na medida em que nos oferece as seguintes definições dos sintomas de uma "intoxicação histórica" (da Modernidade Tardia):

> *Historical underdosing*: viver em uma época *em que nada parece acontecer*. Principal sintoma: vício em jornais, revistas e notícias televisivas. *Historical overdosing*: viver em uma época *em que parecem acontecer coisas demais*. Principal sintoma: vício em jornais, revistas e notícias televisivas.[56]

Tudo isso deixa suficientemente evidente que a conexão entre aceleração e modernização é tanto profunda quanto complexa e que as consequências das escaladas de velocidade são extremamente variadas e contraditórias. Nas próximas duas seções me dedicarei à questão a respeito de quais propostas de conceitualização e de formas de abordagem a tradição teórica sociológica e sociocientífica nos oferece, até agora, para compreender e situar de forma sistemática o processo de dinamização observado no contexto da Modernidade:

55 Ver Rosa, 1999c para mais detalhes; e ainda Rushkoff, 1994.

56 Coupland, 1991, p.17.

2. Modernização, aceleração e teoria social

a) A aceleração nas teorias sociais clássicas e contemporâneas

Não pode haver dúvida a respeito de que a ascensão e o estabelecimento da Sociologia como disciplina acadêmica foram, essencialmente, uma reação à experiência fundamental da liquefação e da dinamização das relações sociais, à revolução de suas estruturas temporais. E nem de que as análises sociológicas dos chamados "pais fundadores" da disciplina – Max Weber, Émile Durkheim, Georg Simmel e, caso se queira considerar, também Ferdinand Tönnies –, que surgem justamente naquele momento que, segundo o que foi mostrado pela seção anterior, foi o período de aceleração supostamente mais drástico, representam, nesse sentido, *análises da Modernidade*.[57] A questão relevante aqui é, portanto, que contribuição os esboços conceituais dos "clássicos" sociológicos podem nos dar para uma análise sistemática e categorial do processo aceleratório moderno, suas causas, formas fenomênicas e consequências. As reflexões desses autores representam tentativas de situar a experiência cultural fundamental da Modernidade, aqui descrita, em processos transformativos estruturais de *modernização*. Para tanto, é interessante retornar a um ponto anterior à geração dos fundadores da disciplina, na direção de outro ancestral da moderna teoria social: Karl Marx.

O quanto as reflexões de Marx foram marcadas pela experiência de uma mobilização e dinamização literalmente chocantes de todas as relações materiais e sociais no século XIX é evidenciado já na formulação tirada do Manifesto Comunista

57 Ver, por exemplo, Frisby, 1988, p.2.

e citada por Marshall Berman, segundo a qual, na Modernidade capitalista, *tudo que é sólido e estabelecido* tem sido sempre entendido como em dissolução e transformação, tem sido sempre "volatizado". Marx vê o motivo para tanto na forma capitalista de produção, na qual a revolução permanente dos meios de produção, assim como a constante destruição do existente e do produzido são elementos quase obrigatórios. Nela encontramos, segundo Marx, o princípio fundamental de todos os processos de modernização e, com ele, uma forma historicamente nova de aceleração social, pois todas as formações socioeconômicas anteriores tendem – ao contrário do capitalismo, para o qual a prioridade da mudança em relação à permanência é constitutiva – a estipular estaticamente as relações de produção uma vez estabelecidas, a naturalizá-las e a protegê-las, pelo maior tempo possível, de transformações:

> A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, as relações de produção, ou seja, todas as relações sociais. A manutenção intacta das antigas formas de produção era, ao contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A revolução constante da produção, o incessante abalo de todas as instituições sociais, a eterna insegurança e movimento distinguem a época da burguesia de todas as outras. Todas as relações sólidas, enferrujadas, com seus seguidores de antigas e veneráveis ideias e opiniões se dissolvem, todas as outras que se formam murcham antes mesmo de criar raízes. Tudo que é sólido e estabelecido se volatiliza, tudo que é sagrado é profanado [...].[58]

58 Marx; Engels, 1986, p.37.

Na análise de Marx da história e do capitalismo, o processo de modernização aparece de fato como processo de aceleração, no qual dois princípios de aceleração analiticamente separáveis podem ser distinguidos. Primeiramente, Marx defende, como é sabido, uma concepção dinâmica da história, segundo a qual o desenvolvimento histórico se consuma pela interação dialética entre as forças de produção continuamente em desenvolvimento e as correspondentemente alteradas relações de produção (ou seja, que ora favorece o desenvolvimento da força produtiva, ora o dificulta e por fim o revoluciona). O capitalismo, ao promover de forma dinâmica esse processo partindo de si próprio – e não apenas do curso de sua superação –, acelera a expansão da força de produção e, com isso, o curso da história de maneira historicamente inédita:

> A burguesia criou, durante sua dominação de classes de pouco mais que um século, forças de produção mais massivas e mais colossais que todas as gerações passadas juntas. Subjugação das forças da natureza, maquinário, utilização da química na indústria e na agricultura, navegação a vapor, ferrovias, telégrafos elétricos, urbanização de áreas terrestres completas, canalização fluvial, populações inteiras surgidas do solo – qual século anterior supunha que tais forças de produção esrivessem adormecidas no seio do trabalho social?[59]

59 Marx; Engels, 1986, p.39. É interessante comparar as seguintes diagnoses de Elmar Altvater com as observações de Marx. Altvater (2002, p.285) percebe primeiramente, tal qual Marx e Engels, que "a vida econômica e social na era do capitalismo" teria "cumprido mudanças tão radicais, em uma velocidade tão alta, e, por isso, em tão pouco

A perspectiva de Marx constitui, assim, um exemplo paradigmático para o desenvolvimento, observado por Koselleck, de concepções históricas "temporalizadas", nas quais a própria história tem uma direção e se torna, por assim dizer, um sujeito coletivo, o que é um pressuposto para a ideia de que a ela poderia (e se permitiria) acelerar. A concepção histórico-materialista de história se baseia, portanto, na representação de um tempo linear histórico que se direciona a um futuro mais ou menos "fechado", ou seja, previsível. A observação de Marx, da dinâmica transformativa sem precedentes das sociedades capitalistas, independe, no entanto, da assunção de um tal *télos* histórico.

Em segundo lugar, e independentemente de tal dimensão histórica, o tempo é um recurso dentro do processo de produção capitalista, um fator de produção e, como tal, um bem escasso. Uma vez que ganhos de tempo podem ser convertidos imediatamente em lucros (adicionais), necessários à sobrevivência, o tempo se transforma, no sistema econômico da Modernidade, de maneiras variadas, em dinheiro e aceleração (dos processos de desenvolvimento, de produção e de circulação) e, assim, em um fator predominante de concorrência.[60] Com isso se esclarecem, em grande medida, os imperativos de aceleração

tempo histórico, como nunca antes na história econômica e social humana". Em sua diagnose do tempo é possível reconhecer, entretanto, a perda da crença do marxismo tardio em um futuro sem classes, sendo então, consequentemente, não mais a história que se acelera, mas sim apenas a transformação social (sem rumo).

60 Ver Marx, 1972, sobretudo os capítulos 1,1; 10; 15,3; 17; 19-21; e ainda Postone, 1996 e Giddens, 1987a, p.149 ss., assim como 1995a, p.129 ss.

da Modernidade que objetivam o aumento técnico-instrumental da velocidade (no transporte, na comunicação, na produção e na organização) e a elevação da velocidade de circulação do capital, bem como as transformações do modo de lidar com o tempo, provenientes de tais imperativos. Retornarei a esse ponto no oitavo capítulo ao tratar da questão das forças que impulsionam o processo de aceleração. Neste momento, basta afirmar que a abordagem de Marx oferece um ponto de partida para o esclarecimento de todas as três formas de aceleração – aceleração técnica, aceleração das mudanças sociais e aceleração do ritmo da vida (em Marx e Engels apenas deduzida, surgida sobretudo da permanente incerteza existencial, da competição econômica e da submissão dos trabalhadores à ditadura temporal das máquinas) –, ainda que a aceleração seja, aqui, apenas um subordinado e subdesenvolvido aspecto secundário desse edifício teórico centrado na contradição social fundamental que é o antagonismo de classes. Uma teoria sistemática da aceleração, por conseguinte, deve indubitavelmente levar a sério e assimilar o conhecimento derivado da análise de Marx do sistema econômico capitalista.

Como quero mostrar no oitavo capítulo, os princípios escalares [*Steigerungsprinzipien*] do crescimento e da aceleração aplicados no sistema econômico capitalista definem culturalmente e influenciam estruturalmente as formas de vida e de sociedade na Modernidade como um todo. Max Weber também os tem em vista quando define o capitalismo, no prefácio de sua coletânea de estudos de Sociologia da Religião, no contexto de suas pesquisas sobre a conexão interna entre a ética protestante e o modo econômico capitalista, como "o poder mais determi-

nante de nossa vida moderna",[61] embora ele ao mesmo tempo deixe claro que é preciso ter cautela, na análise das estruturas temporais modernas, com um precipitado reducionismo economicista. O interesse de Weber, como se sabe, era sobretudo o aspecto da motivação das ações no capitalismo, o que valida a tese, formulada na introdução deste trabalho, de que as exigências sistêmico-estruturais e as orientações dos atores podem ser reunidas nas estruturas temporais de uma sociedade, de tal forma que suas análises do *éthos* capitalista – ou seja, da postura diante da vida e de sua condução correspondente a esse sistema econômico – revelam uma das lógicas estruturais análogas às transformações na orientação temporal identificadas por Marx, mas que não se deixam reduzir de forma economicista.

Também para Weber, uma das características centrais desse *éthos* consiste no tratamento do tempo como bem escasso de alta importância. Isso fica claro já no princípio de seu ensaio sobre o espírito capitalista pela citação de Benjamin Franklin, que se inicia com a exortação: "Lembre-se que tempo é dinheiro". O imperativo categórico da ética protestante, assim como o do *éthos* capitalista, consiste na obrigação de *usar o tempo tão intensivamente quanto possível*, eliminar sistematicamente a perda de tempo e o ócio e prestar contas do tempo despendido. O frenesi e a inquietude que marcam a experiência fundamental da Modernidade, a aceleração do ritmo da vida através da eliminação sistemática de pausas e faltas, assim como a economia categórica do tempo na condução da vida são, portanto, segundo Weber, consequências de uma atitude espiritual originalmente

61 Weber, 1991, p.12.

protestante (calvinista-puritana), mais tarde secularizada, segundo a qual um único segundo, uma vez perdido, está *perdido para sempre*, e para a qual o desperdício de tempo é o primeiro e "o mais mortífero de todos os pecados". Daí, a sistematização e o disciplinamento da condução da vida se tornam, através de uma espécie de *ascetismo temporal*, elementos centrais da moderna postura diante da vida.[62] A disciplina temporal se mostra, sob essa perspectiva, antes um pressuposto cultural que uma consequência estrutural do capitalismo. Voltarei, mais detalhadamente, a essa dimensão *cultural* das fontes propulsoras do processo moderno de aceleração.

No dado contexto da busca por um ponto de partida para a teoria da aceleração social nas origens clássicas da Sociologia, é sobretudo interessante o fato de que a avaliação protestante-capitalista do tempo é parte, também para Weber, de um movimento histórico abrangente (e autoacelerante) dos processos fundamentais de *racionalização* no Ocidente.[63] Na medida em que esse processo, no sentido da racionalidade voltada para fins [*Zweckrationalität*], busca um aumento de eficiência e um encurtamento das relações meios-fins, ele pode ser interpretado como *processo de aceleração*, uma vez que objetiva a realização acelerada dos fins pela minimização dos passos necessários ou pelo aumento do efeito dos meios utilizados. Racionalização, nesse sentido, significa poder alcançar *mais em menos tempo* (e com menor esforço). No entanto, o aumento de frações por unidade de tempo, como ainda mostrarei, é a mais abstrata e generalizadora definição de aceleração. É esse aumento de eficiência e velocidade que, segundo Weber, distingue as formas de organização e dominação da burocracia racional ocidental[64] do Estado de direito e da organização econômica capitalista, bem como fundamenta sua superioridade histórica em relação a todas as outras formações sociais. No centro dos processos de modernização estão, também para Weber, em última instância, princípios de aceleração, embora ele desenvolva até menos que Marx uma teoria da aceleração social.

A racionalização de processos sociais, central para a análise da Modernidade de Weber, está inerentemente relacionada ao desenvolvimento da divisão do trabalho, ao desenvolvimento da diferenciação social das esferas funcionais e valorativas, que são o centro da compreensão da Modernidade para Émile Durkheim. À primeira vista, os trabalhos de Durkheim mal oferecem um ponto de partida para uma teoria da aceleração e para uma redefinição do processo de modernização a partir desse ponto de vista. No entanto, um olhar mais cuidadoso mostra que sua busca intensiva por novas formas de integração e solidariedade social é motivada, como nas teorias sociais dos outros autores clássicos, pela experiência fundamental, consequência do adensamento do intercurso social, de uma sociedade dina-

62 Weber (1991, p.167) tenta com isso mostrar como essa forma de orientação temporal ascética pôde se desenvolver no contexto do puritanismo ao citar, por exemplo, os ensinamentos do presbiteriano Richard Baxter, para quem "desperdício de tempo" é "o primeiro e, em princípio, o mais severo de todos os pecados". A duração da vida seria "infinitamente curta e preciosa para 'fixar' nossa própria vocação [para o estado de graça, H. R.]. Perda de tempo em socialização, 'conversa fiada', luxo ou mesmo em dormir mais do que o necessário à saúde – de seis a, no máximo, oito horas – é passível de uma condenação moral absoluta".

63 Weber, 1972; ver Schluchter, 1998.

64 Ver Weber, 1972, p.129 e 570 ss.; ver ainda Segre, 2000, p.154.

mizada, fragmentada e "acelerada" de forma chocante.[65] Em sua análise da divisão do trabalho *anômica*, vista por ele como um dos grandes perigos do processo moderno de diferenciação, Durkheim identifica a anomia social como *uma consequência de transformações sociais muito rápidas*: a consciência e as regras da interdependência social são erodidas em função do ritmo das mudanças, sem que novas formas de integração social possam ser constituídas em tempo hábil. Assim, a mudança social e a crescente diferenciação não são o problema da sociedade, mas sim sua velocidade (demasiadamente) alta.[66]

O interesse de Durkheim se voltou para a questão de como a ordem e a estabilidade sociais são possíveis em face da constante aceleração e fragmentação das relações sociais. Entretanto, suas reflexões não oferecem nem uma fundamentação teórico-cultural sistemática da experiência da aceleração nem uma análise de suas consequências socioestruturais. Coube a Niklas Luhmann e aos representantes da, por ele cunhada, teoria dos sistemas analisar as consequências temporais da diferenciação funcional e indicar a conexão sistemática, interna, entre processos de diferenciação e de aceleração. Segundo Luhmann, há uma estreita correlação entre estruturas sistêmicas e estruturas temporais, de tal forma que, com a diferenciação de sistemas

65 Ver, por exemplo, o Capítulo II do segundo livro de *Da divisão do trabalho social*, no qual Durkheim esclarece o crescente "intercâmbio de movimento entre as partes da massa social" e o "tráfego ativo daí resultante" entre eles, que ele designa como aumento da "densidade dinâmica ou moral" da sociedade, declarando-o como a principal causa da divisão de trabalho em progresso e, assim, do princípio de desenvolvimento da sociedade moderna (Durkheim, 1988, p.314-5).

66 Ibid., p.421-5.

funcionais modernos, também suas estruturas e horizontes temporais de passado e futuro se diferenciam.[67] Luhmann partilha, com isso, da percepção de Koselleck, de uma "temporalização" ou dinamização do tempo na Modernidade que não seria simplesmente uma *consequência* da diferenciação estrutural, mas, sim, se encontraria na base desta:

> [C]om o surgimento da sociedade burguesa, a estrutura do tempo se modificou drasticamente em direção a complexidades temporais mais altas [..., motivo pelo qual] *temos que partir do princípio de que essa reestruturação repercute em todas as estruturas sociais e em todo conceito*. Nada conservará seu sentido anterior. Mesmo se houvesse uma continuidade formal em instituições ou terminologias, esta apenas disfarçaria a circunstância de que toda e cada forma alcançou uma contingência e uma seletividade mais altas.[68]

Através da "temporalização da complexidade" – que, como mostrarei no Capítulo VIII.3, pode ser entendida como um terceiro "motor" do processo de aceleração moderno –, característica para sociedades funcionalmente diferenciadas, chega-se aqui, segundo Luhmann, não apenas a um encurtamento progressivo dos horizontes temporais e, assim, possivelmente, a uma "aceleração de processos evolucionários, sem precedentes na história até hoje",[69] mas também a uma *dessincronização*, como discutida na introdução, das respectivas estruturas tem-

67 Luhmann, 1990a, p.119 ss. e p.139.

68 Ibid., p.122, grifos no original, H. R. Contrário a isso, ver a p.137, em que Luhmann interpreta mudanças das estruturas temporais como *consequência* das transformações sociais.

69 Ibid., 1990a, p.143.

porais sistêmicas. Luhmann salienta o quão importante seria uma análise desse desenvolvimento para a compreensão da sociedade moderna, deixando evidente, porém, que o aparato conceitual da teoria do tempo se encontra dramaticamente subdesenvolvido para tal tarefa.

> Deveríamos estar em condições de estimar o grau de heterogeneidade das estruturas temporais que podemos tolerar em diferentes subsistemas de nossa sociedade; seria importante saber de que maneira a diminuição dos horizontes temporais de famílias afeta a economia e como podemos contornar a conhecida influência negativa que as perspectivas temporais de uma economia em crescimento têm sobre o sistema político [...] É difícil enxergar como se poderia proceder no desenvolvimento dessas questões ou até mesmo em sua solução. A teoria dos sistemas parece ser o único quadro de referência conceitual a dispor de complexidade suficiente. Porém, até o momento, a teoria dos sistemas só utilizou conceitos cronológicos bem simples de tempo e futuro e concebeu o futuro apenas como estado de um sistema em um ponto temporal mais tardio.[70]

Apesar de suas reiteradas afirmações sobre a importância constitutiva da temporalidade para a compreensão dos sistemas sociais, Luhmann, infelizmente, não elaborou mais uma teoria correspondente do tempo. Não foi ele, mas Armin Nassehi, quem escreveu *Zeit der Gesellschaft* [Tempo da sociedade], obra na qual o conceito de aceleração não aparece nem ao menos como tópico. Ao contrário das esperanças de Luhmann, a

70 Luhmann, 1990a, p.137; ver Luhmann, 1980.

concepção temporal da teoria dos sistemas – que compreende o tempo como sendo constituído nas operações sistêmicas como diferença de passado e futuro, e, apenas secundariamente, conceituado cronologicamente através da observação[71] – parece pouco adequada para o desenvolvimento de uma teoria da aceleração, pois as distinções nela utilizadas antes dificultam que facilitam a análise das transformações diacrônicas de estruturas temporais. A teoria dos sistemas, em suas reflexões sobre a temporalização da complexidade e sobre a influência, nas decisões sociais, da "urgência do curto prazo"[72] [*Vordringlichkeit des Befristeten*], associada à escassez de tempo em sistemas autonomizados, representa, ainda assim, uma contribuição importante para uma teoria da aceleração, à qual retornarei no curso de minha investigação.

A divisão social do trabalho e a diferenciação funcional possuem, no entanto, um correspondente necessário no processo

71 As mais diversas disciplinas (Física, Biologia, Psicologia, Sociologia) parecem convergir atualmente à convicção, associada a essa ideia, de que os eventos não se produzem *no* tempo (abstrato ou "absoluto"), mas antes criam o próprio tempo (e com isso cada respectivo horizonte de passado, presente e futuro) (ver Adam, 1990; Nowotny, 1993, p.135 ss.; Bergmann, 1983, p.496). O significado de tal concepção para as ciências sociais é, no entanto, até o momento completamente obscuro. Dela parece não resultar ganho de conhecimento sistemático algum para uma análise das *mudanças diacrônicas* dos modelos e perspectivas temporais na sociedade moderna. Sua popularidade atual é, na minha opinião, graças ao fenômeno de "temporalização do tempo" da Modernidade Tardia, à custa de uma *destemporalização* das vidas individuais e da História, que, como quero mostrar na terceira parte deste trabalho, deve ser entendida como uma consequência da *hiperaceleração social*.

72 Luhmann, [1968] 1994.

de individualização, que é mais uma característica inconfundível da modernização, e está no centro das análises sociológicas e sociopsicológicas de Georg Simmel e da Sociologia por ele influenciada. Não é por acaso que as *metrópoles* representam para Simmel, ao mesmo tempo, o lugar paradigmático da Modernidade, da mais extrema individualização e da mais avançada divisão do trabalho.[73] Simmel, de forma mais intensa que Weber, Marx ou Durkheim, correlaciona esse processo à experiência cultural da Modernidade, que, também para ele, é dominada pela atordoante sensação de um aumento e de uma aceleração de processos de trocas sociais, bem como por uma incessante dinamização de todas as relações sociais. "A individualidade da metrópole", escreve ele no começo do seu talvez mais influente ensaio, "A metrópole e a vida mental" (Die Großstädte und das Geistesleben), repousaria sobre a

> [...] *intensificação da vida nervosa*, que surge da mudança abrupta e ininterrupta de impressões externas e internas. O ser humano é um ser que distingue, ou seja, sua consciência é estimulada pela diferença da impressão do momento com relação às anteriores; impressões duradouras, que apresentam mudanças insignificantes, com regularidade habitual em seu transcorrer e em suas oposições, exigem, por assim dizer, menos da consciência que o velocíssimo amontoamento de imagens sucessivas, a descontinuidade aguda contida na apreensão, com um olhar, e o inesperado de impressões que se impõem. A cidade grande, ao criar justamente essas condições psicológicas – com cada atravessar de uma rua,

73 Simmel, [1903] 1995; ver ainda Frisby, 1988, p.77 ss.

> com a velocidade e multiplicidade da vida econômica, profissional e social –, constitui, já nos fundamentos sensoriais da vida espiritual, no quantum de consciência que ela, por nossa organização como seres que distinguem, requer de nós, um antagonismo profundo em relação à cidade pequena e à vida no campo, com o ritmo mais lento, mais habitual e de fluxo mais regular de seu padrão de vida sensorial e espiritual.[74]

Em consonância com essa definição, Simmel determina – em sua obra *Vom Einfluß des Geldes für das Tempo des Lebens* [Da influência do dinheiro para o ritmo da vida], de 1897, cujas reflexões centrais retornam em palavras bem semelhantes no último e principal capítulo ("Do estilo de vida") de sua *Filosofia do dinheiro* [*Philosophie des Geldes*] – o ritmo da vida como o "produto da soma e da profundidade" das transformações dos conteúdos de representação da consciência por unidade de tempo[75] e enfatiza que tal ritmo aumenta violenta e incessantemente na sociedade moderna.

De fato, todos os elementos citados por Simmel, também apresentados como "afinidades eletivas", através dos quais a vida moderna se diferencia das épocas que a antecederam, se distinguem pela sua dinamicidade e mobilidade crescentes. Segundo Simmel, características à Modernidade são a *cidade rápida* em contraposição ao *campo lento*; a prevalência do *entendimento móvel* sobre uma *vida sentimental estática*, modificável apenas lentamente; a predominância do *individualismo dinâmico*, no sentido de seu

74 Simmel, [1903] 1995, p.116, grifos no original.
75 Simmel, [1897] 1992, p.215, e [1900] 1989, p.696.

desenraizamento das tradições e dos elos sólidos e fixos, diante da *estrutura coletiva* de tempos passados, *dificilmente*, e ainda assim apenas *gradualmente, modificável*; e, por fim, a específica "infidelidade" do indivíduos a associações, valores e atividades, bem como a preferência, ligada a isso, por modas alteradas em ritmo acelerado etc.[76] Simmel, entretanto, coloca todas essas tendências em uma conexão estreita com o alastramento da moderna economia monetária, que para ele figura ao mesmo tempo como *causa* (metaforicamente no "rolar das moedas" que não encontra resistência)[77] e *expressão* da aceleração social. As transações monetárias modernas facilitam, multiplicam e aceleram transações sociais e econômicas, e com isso praticamente todas as relações sociais. "De tudo isso resulta que em grande medida o dinheiro designa o aumento do ritmo da vida, como se pode medir no número e variedade de impressões e estímulos que afluem e se dissolvem mutuamente", resume Simmel suas reflexões sobre a relação entre a economia monetária (capitalista) moderna e a velocidade da vida. E prossegue:

> A tendência do dinheiro a confluir e a se acumular [...], a reunir os interesses dos indivíduos e, assim, eles próprios [...] e com isso – como na forma de valor que nele se apresenta – concentrar a maior variedade no menor raio, essa tendência e capacidade do dinheiro possuem como consequência psíquica o aumento das cores e da profusão da vida, ou seja, o aumento de seu ritmo.[78]

76 Ver Simmel, [1900] 1989, p.675.
77 Ibid., p.708.
78 Ibid., p.706 ss.

Simmel segue Baudelaire em sua definição da Modernidade como experiência do transitório e do fugaz, explicando-a pela diferenciação funcional e, sobretudo, pelo modo de efeito [*Wirkungsweise*] do dinheiro.[79] Modernização, para ele, significa também, e sobretudo, uma transformação estrutural da personalidade dos indivíduos, que reagem às exigências da aceleração na Modernidade através de uma transformação de seu estoque de sentimentos [*Gefühlshaushalt*], de sua estrutura afetiva, de sua "vida nervosa" e da relação entre emoções e entendimento. Isso é a base da definição pouco usual de Simmel da essência da Modernidade em seu ensaio sobre a arte de Rodin:

> Pois a essência da Modernidade é, sobretudo, o psicologismo, o vivenciar e o interpretar do mundo de acordo com as reações de nosso interior e, na verdade, de um mundo interior, a dissolução dos conteúdos fixos no elemento fluido da alma, de onde toda substância se libertou e cujas formas são apenas formas de movimento.[80]

Simmel compreende, assim, o processo de modernização como deslocamento do equilíbrio entre os princípios universais de movimento e inércia[81] em favor do primeiro e, assim, como dissolução de ritmos fixos em favor de uma permanência da mudança, embora o *dinheiro*, para ele, seja a manifestação simbólica do "caráter de movimento absoluto do mundo".[82]

79 Ver Frisby, 1988, p.38 ss.
80 Simmel, 1919, p.185.
81 Simmel, [1897] 1992, p.230 ss. e [1900] 1989, p.711 ss.
82 Simmel, [1900] 1989, p.714.

Os indivíduos reagem a esse deslocamento, por um lado, com uma postura *blasé* e com *indiferença* diante dos conteúdos do mundo, e por outro lado, no entanto, em uma forma de inversão dialética, acompanhada de constante hiperexcitação, com a adição a experiências e estímulos sempre novos e cada vez mais extremos e excitantes,[83] enfim, com todos aqueles sintomas da "neurastenia" que, segundo seus contemporâneos Troeltsch e Altmann, caracterizavam em grande medida a personalidade do próprio Simmel.[84] Assim, de todos os clássicos da Sociologia, Simmel é quem coloca o aspecto da aceleração de forma mais central em sua definição de Modernidade, sem, entretanto, dedicar-lhe uma elaboração teórica à parte. O centro sistemático de seus, por assim dizer, âmbitos objetuais, de seus trabalhos fragmentários e até mesmos "impressionistas", são, antes, aqueles processos paradoxais da estrutura da personalidade ou da individualização.

Desse percurso pelas interpretações propostas pelos "clássicos" pode-se concluir que suas definições, ainda hoje tão influentes, da modernização como processo de individualização, de racionalização, de diferenciação e de crescente dominação da natureza, têm seu centro comum na experiência de uma enorme

83 "A ausência do definitivo no centro da alma leva à busca incessante de satisfação momentânea em novas excitações, sensações, atividades externas. Ela nos envolve, assim, na confusão da instabilidade e da inquietação, que se manifesta ora no tumulto da cidade grande, ora na compulsão por viagens, ora na caçada selvagem à concorrência, ora na infidelidade, característica da Modernidade, no âmbito do gosto, do estilo, das convicções e dos relacionamentos" (Simmel, [1900] 1989, p.675).

84 Ver Frisby, 1988, p.75 ss.; Radkau, 1998; Simmel, [1903] 1995.

aceleração, mobilização e dinamização da vida social; elas representam uma espécie de resposta e uma tentativa de explicação dessa experiência moderna fundamental. No entanto, embora a transformação das estruturas temporais seja tematizada em todas as abordagens e lhes sirva como uma espécie de motivo condutor, ela não se encontra no centro sistemático de nenhuma teoria da modernização, de forma que o processo de aceleração, em tempos posteriores aos clássicos, no contexto do desenvolvimento preponderantemente "atemporalizado" de definições sociológicas e sociocientíficas da Modernidade, perdeu quase por completo, em comparação a outros processos, seu significado e seu papel prático para as teorias mais tardias da modernização.

Com isso explica-se a surpreendente constatação da ausência quase completa de uma teoria da aceleração na teoria social contemporânea. Enquanto em torno das outras tendências essenciais da modernização – a definição e interpretação dos processos de racionalização, diferenciação, individualização e domesticação (no sentido do desenvolvimento e institucionalização da razão instrumental) – ocorreram e ocorrem debates afluentes de cunho histórico, empírico e analítico, encontramos, no que tange ao aspecto da aceleração, apenas inúmeros estudos isolados sobre as manifestações e os efeitos da dinamização, tal como na mídia,[85] no mercado de trabalho,[86] nas novas tecnologias de informação,[87] na economia[88] etc., e observações

85 Schneider; Geißler, 1999; Weibel, 1987.

86 Sennett, 1998; Garhammer, 2001.

87 Myerson, 2001; Eriksen, 2001.

88 Ver, por exemplo, as contribuições em Backhaus; Bonus, 1998.

provenientes da ciência popular ou da história cultural[89] que não permitem uma localização precisa e uma definição dessa tendência no contexto da análise cultural e estrutural do processo de modernização.[90]

Entre as poucas exceções estão os trabalhos de Paul Virilio, Fritz Reheis e Kay Kirchmann; todos os três têm como meta uma definição teórica da aceleração social. Lançarei mão, no que se segue, de algumas de suas reflexões, embora as considere, por diferentes razões, inadequadas como ponto de partida para uma teoria sistemática da aceleração social. A reivindicação e a tentativa de Virilio em fundar uma "dromologia" como ciência da velocidade (crescente) constitui, sem dúvida, a abordagem mais proeminente nessa área de pesquisa. Para Virilio é possível uma reinterpretação não apenas da Modernidade, mas de toda a história universal, na qual a velocidade torna-se sujeito histórico. Sua reconstrução histórica é, assim, eminentemente política, porque ele acredita poder abarcar o momento impulsionador do processo de aceleração no princípio da *dominação do mais rápido*.[91] Pelo fato de o *poder* historicamente ser, sobretudo, *poder de movimento*, a luta pelo domínio, que é, em linhas gerais, militar e técnico-militar, se revela uma constante luta para se atingir uma velocidade mais alta. Essa luta também constitui o cerne da "revolução dromocrática",[92] que é como Virilio entende a Revolução Industrial, em cujo

89 Como em Gleick, 1999, ou Gronemeyer, 1996.
90 Para um panorama literário crítico, ver Rosa, 2001a.
91 Ver sobretudo Virilio, 1980, e ainda 1998b.
92 Virilio, 1980, p.61 ss.

decorrer a velocidade "metabólica" (de organismos humanos e animais) é substituída por uma nova velocidade, indefinidamente aumentável – a velocidade "tecnológica".

Por meio das consecutivas ondas de aceleração advindas da revolução dos transportes, da transmissão e, mais recentemente, da transplantação (ou seja, o aumento da velocidade através da fusão orgânica de corpo e máquina, da manipulação genética e da tecnologia computacional), chega-se como que à vitória do tempo sobre o espaço.[93] O *dispositivo espaçotemporal* é substituído pelo *espaço-velocidade*, a coordenação de ações e a integração social se dão preponderantemente no e por meio do tempo, cada vez menos por meio do espaço. A *cronopolítica* se torna cada vez mais importante que a *geopolítica*. As considerações de Virilio possuem um potencial estimulante exatamente no ponto em que tratam da interpretação das consequências da aceleração tecnológica e sua força motora político-militar ou da interpretação das tendências complementares de aceleração e enrijecimento. Seu diagnóstico é que o ponto de fuga ou final da aceleração seria uma inertificação absoluta, *uma paralisia frenética*.[94] Retornarei à sua tese sobre esses dois pontos de vista. Contudo, não é possível extrair de sua obra uma base sistemática para uma teoria da aceleração, pois Virilio tanto rejeita categoricamente uma construção teórica sistemática – em vez disso, seus trabalhos são construídos de forma espontâneo-associativa, enriquecidos com incontáveis neologismos, ana-

93 Ver Virilio, 1993, p.7 ss. e p.17 ss.; ver ainda Breuer, 1988.
94 Virilio, 1998a, assim como suas reflexões sobre a "velocidade de libertação".

logias obscuras e alusões adornadas de esoterismo –, quanto renuncia, com consciência, por assim dizer, "autodidática", a toda associação com teorias sociológicas existentes. A objeção mais séria, a esse respeito, me parece a circunstância de a abordagem de Virilio também manter-se limitada, justamente na medida em que ele concebe aceleração apenas como aceleração tecnológica, não reservando espaço categorial para os outros dois aspectos, analiticamente independentes, da aceleração das mudanças sociais e do ritmo da vida.

O *best-seller* de Fritz Reheis *Die Kreativität der Langsamkeit* [A criatividade da lentidão] formula uma crítica aos imperativos da aceleração da sociedade moderna dos pontos de vista psicológico e ecológico. Reheis constrói sua análise das estruturas temporais da sociedade capitalista tardia – que na sua concepção se tornaram disfuncionais – com base no modelo, proveniente da teoria dos sistemas, de três sistemas sociais básicos, nivelados um sobre o outro. A natureza ou o meio ambiente constituem o sistema abrangente para todos os processos sociais, ela é fundamental também para o segundo nível, o sistema cultura/sociedade, que precede, por sua vez, o fisiológico e psíquico "sistema indivíduo". Transformações em um deles sempre surtem efeito nos outros dois sistemas, embora a rapidez de transformação e o ritmo interno dos sistemas seja, naturalmente, diferente: indivíduos mudam/adaptam-se mais rapidamente que sociedades, e a natureza precisa de mais tempo ainda para reproduzir ou regenerar seus recursos. A tese ecológico-materialista principal do livro, que se vincula claramente a Marx,[95] é que o capitalismo desenfreado (como

95 Reheis, 1998, p.35 ss.

elemento básico da sociedade/cultura moderna), com sua inerente compulsão à aceleração, assentada na lei do lucro, não leva em consideração os ritmos naturais e a temporalidade interna dos três sistemas, sobrecarregando e dessincronizando-os em sua capacidade de adaptação e aprendizado mútuos. Daí o surgimento de fenômenos disfuncionais em cada um e entre todos os três sistemas.[96] Em sua análise da dinâmica própria da aceleração, Reheis não vai além de Marx ao vê-la explicada pela lógica de desdobramentos do capital, enquanto procede de forma extraordinariamente seletiva e unilateral na interpretação das consequências e dos limites da aceleração, na qual aloja, sob um mesmo denominador comum, "pessoas doentes, a sociedade decadente e a natureza exaurida".[97]

Finalmente, Kirchmann se vincula, em sua investigação sistemática da relação entre a aceleração de processos sociais e o desenvolvimento das mídias na Modernidade, a Norbert Elias, ao interpretar ambos os elementos como complementares ao processo civilizatório dos tempos modernos.[98] Embora esse estudo forneça uma série de dados interessantes enquanto uma investigação das ciências da comunicação, ele está unilateralmente fixado sobre a análise da aceleração midiática, não podendo servir de ponto de partida para uma compreensão sistemática das causas, formas de manifestação e consequências da aceleração social. Por fim, fica especialmente obscuro o que impulsiona, em última análise, o mecanismo de au-

96 Reheis, 1998, p.62 e 83.

97 Para uma crítica a Reheis, ver detalhadamente Rosa, 2001a, p.350 ss.

98 Kirchmann, 1998.

mento [*Steigerungsmechanismus*] na interação entre as mídias, o processo civilizatório, enquanto processo de compressão, e a velocidade.

Em face de tal nível de desenvolvimento teórico, a forma mais promissora para alcançar o objetivo do presente trabalho – de efetuar uma definição, com riqueza teórica e embasamento empírico, da função, alcance e importância dos processos de aceleração, assim como de suas fronteiras e consequências no contexto da modernização – é, na procura por um princípio sistemático, partir do fundamento das teorias sociológicas de modernização introduzidas neste capítulo.

b) Aceleração e modernização: tentativa de sistematização

Um problema fundamental de todas as teorias de modernização está na multiplicidade heterogênea e, em parte, contraditória dos processos de transformação na Modernidade e das perspectivas analíticas que os contemplam. Apoiado na sugestão de Hans van der Loo e Willem van Reijen,[99] que se baseiam, por sua vez, claramente no generalizado (e notoriamente atemporalizado) esquema da ação de Talcott Parsons,[100] me parece sensato, com um intuito de sistematização, diferenciar entre uma perspectiva socio*estrutural*, uma *cultural*, uma orientada para a *estrutura da personalidade* (centrada no sujeito) e, por fim, uma perspectiva voltada para a relação da sociedade *para com a natureza*. Formações sociais e seu desenvolvimento podem, assim, ser estudados, de forma basilar, por meio dos quatro aspectos mencionados. Relacionando-se essas perspectivas com os princípios recapitulados na seção anterior, vemos que o processo de modernização pode ser e foi interpretado *culturalmente* como *racionalização*; (socio)*estruturalmente* como *diferenciação* e, em face do desenvolvimento da relações para consigo [*Selbstverhältnisse*] dominante ou do tipo de personalidade, como *individualização*; e, com respeito à relação com a natureza, como *instrumentalização* ou *domesticação* (ver Figura 1).[101]

99 Van der Loo; Van Reijen, 1997, p.30 ss.

100 Ver por exemplo Parsons, 1971, p.4-28 e sobre isso ainda a tentativa de clarificação de Adriaansens, 1980.

101 Anthony Giddens (1995b, p.75 ss., ver também 1996) sugeriu um quadro de análise alternativo para a diferenciação de dimensões *institucionais* da modernização. Segundo ele, a industrialização, a capitalização, o estabelecimento do aparato governamental de vigilância, assim como o desenvolvimento das forças militares, constituem as características principais da Modernidade. Representativo aqui é o fato de Giddens não levar em consideração as estruturas temporais em seu construto teórico categorial da Modernidade, apesar de sua afirmação de que estas são fundamentais para sua teoria da estruturação (1995a, p.90), e apesar de sua observação de um crescente *distanciamento espaçotemporal* cuja consequência seria uma crescente desvinculação entre tempo e espaço na Modernidade. Portanto, o princípio de Giddens se mostra pouco adequado como premissa para uma teoria da aceleração social no contexto da Modernidade. As dimensões do capitalismo e do industrialismo, por ele diferenciadas, se encontram no meu esquema como elementos do processo de domesticação (elas determinam conjuntamente a forma do processo social de troca com a natureza), enquanto o Estado nacional e forças militares, como quero mostrar no Capítulo IX, embora desempenhem um papel "maiêutico" importante no desencadeamento da dinâmica de aumento da Modernidade, não podem ser considerados elementos estruturais indispensáveis da mesma.

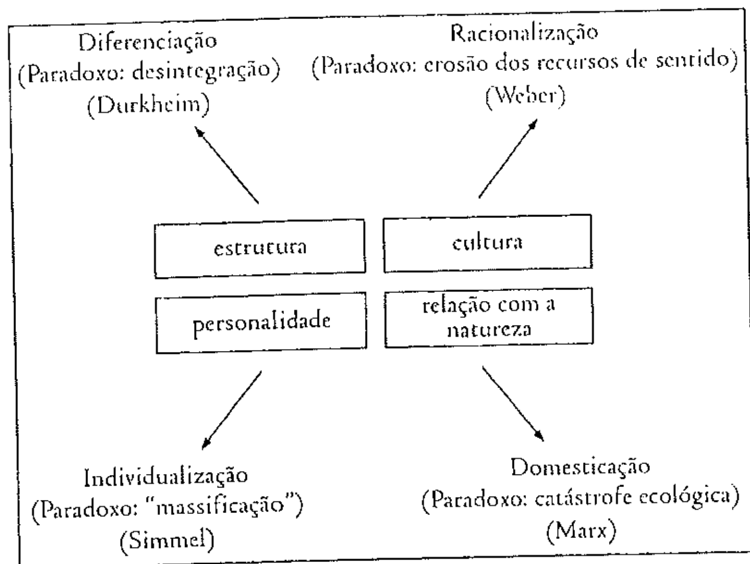


Figura 1 – O processo de modernização

Nos trabalhos dos clássicos da Sociologia, assim como nas investigações contemporâneas que os seguem, uma dessas perspectivas geralmente figura como ideia central. Max Weber, por exemplo, entende a modernização sobretudo como processo de racionalização, que, por sua vez, constitui também o cerne do *projeto da Modernidade* como definido por Jürgen Habermas e seus seguidores.[102] Processos de divisão de trabalho e diferenciação funcional estão, como vimos, no centro não apenas das investigações de Durkheim como também da teoria dos sistemas contemporânea. A individualização, por outro lado, é uma tendência social que ganha hoje uma posição central, como

102 Ver sobretudo Habermas, 1981, assim como 1988.

nos diagnósticos do presente de Ulrich Beck ou Gerhard Schulze, após ter sido tematizada primeiramente por Georg Simmel de forma multifacetada. A forma de elaboração e transformação da natureza e, consequentemente, do próprio caráter social e individual, constitui, por fim, o ponto de partida para a análise da Modernidade de Karl Marx e dos pesquisadores por ele inspirados. Desse ponto de vista, a modernização aparece em linhas gerais como tendência extremamente bem-sucedida em instrumentalizar a natureza (interna e externa) e assim domesticá-la, ou seja, torná-la dominável e colocá-la a serviço dos objetivos humanos. A ambivalência dessa tendência foi trabalhada da maneira mais impressionante, por Horkheimer e Adorno, em sua *Dialética do esclarecimento*.[103]

Todavia, o fenômeno de processos de modernização apresentarem, não apenas uma ambivalência profunda, mas também parecerem sempre transportar consigo sua própria contradição, pode ser encontrado em todas as quatro dimensões como um avesso paradoxal.[104] A *dominação* da natureza traz consigo, em função de seus efeitos colaterais, a ameaça da *extinção* da base

103 Horkheimer; Adorno, 1947.

104 Van der Loo; Van Reijen (1997, p.36 ss.) apontam para essa natureza inerentemente paradoxal dos processos de modernização básicos. Eles não identificam, entretanto, contratendências para os quatro desenvolvimentos fundamentais, mas sim os veem como contraditórios *em si* mesmos. A *diferenciação* apresentaria ao mesmo tempo elementos tanto de *aumento* quanto de *diminuição de referenciais* (p.130 ss.); a *racionalização* estaria marcada pelos princípios contraditórios da *pluralização* e da *generalização* (p.176 ss.); *processos de individualização* levariam tanto a uma maior *autonomia* quanto a uma maior *dependência* dos indivíduos (p.216); e, por fim, a *domesticação* significaria ao mesmo tempo *descondicionamento* (físico) e um *recondicionamento* (social e psíquico) (p.60 ss.).

para a vida humana em forma de uma catástrofe ecológica. A Modernidade, segundo seus críticos culturais, é marcada pela tendência não apenas ao florescimento da singularidade individual, mas também, através dessa mesma singularidade, à massificação em uma *cultura de massa* homogeneizada – motivo pelo qual já Georg Simmel alegava poder observar não apenas o aumento da individualidade "quantitativa", mas ainda, concomitantemente, o desaparecimento da individualidade originariamente "qualitativa", em consequência da inferioridade da cultura subjetiva em relação à cultura objetiva.[105] Assim, o lado avesso do processo de racionalização ocidental constitui, já para Weber, uma contínua *erosão dos recursos de sentido*, cujo resultado, o condicionamento objetivo que resulta da implacável autonomização das dinâmicas estruturais, pode por fim assumir a forma vazia de um *invólucro de aço*, do qual o *espírito* parece ter-se *evadido*, e cuja lógica inexorável (de aumento e de aceleração, por exemplo), mesmo se mostrando altamente irracional em sua consequência, não pode ser interrompida.[106]

Identificar um lado avesso no processo de diferenciação é um pouco mais difícil. A começar pelo fato de que duas tendências paradoxais de desenvolvimento podem ser aqui observadas: por

105 Simmel, [1908] 1992, p.791 ss.; para uma diagnose semelhante mais recente, ver, por exemplo, Riesman; Denney; Glazer, 1977.

106 Ver, sobre isso, Lübbe, 1998, p.293. É interessante notar que Weber caracteriza, além disso, o fundamento ético do capitalismo moderno, o *éthos* protestante, como visão de mundo altamente irracional, uma vez que ela (com base no caráter do cristianismo (protestante) de negação ativa do mundo) objetiva a acumulação máxima de riqueza e a renúncia ao desfrute dos lucros. Assim, o "poder mais determinante" da nossa vida moderna jaz sobre fundamentos éticos irracionais.

um lado, processos de diferenciação cada vez mais refinados são acompanhados por um crescimento paralelo das subordinações mútuas (hoje globais) e das cadeias de interdependência; e por outro, em virtude do processo de diferenciação (que promove o aumento da estabilidade e da eficiência) do todo (da sociedade), sua unidade e coerência parece desaparecer. Como Luhmann não se cansa de enfatizar, a sociedade moderna tem que se arranjar sem topo, sem centro ou "perspectiva central"[107] – o lado avesso da diferenciação é, assim, a *desintegração* social.

Em face desse quadro analítico, representado na Figura 1, que domina até hoje a definição de Modernidade, é difícil indicar um lugar sistemático ou premissa para sua reinterpretação pelo ponto de vista da aceleração social. Nessa busca, poderíamos em princípio cair na armadilha de resolver o problema através da introdução de uma outra perspectiva. Assim como o processo de modernização se mostra, do ponto de vista cultural, como racionalização e, do ponto de vista do desenvolvimento do tipo de personalidade, como individualização, ele pode ser entendido, do ponto de vista da dimensão temporal ou das estruturas de tempo, como aceleração. E, uma vez que processos de individualização e racionalização não transcorrem uniformemente, mas sim de forma ondulatória, o mesmo se dá, como vimos, com processos de aceleração. Assim como ímpetos de individualização são acompanhados por receios "comunitários" e contramovimentos correspondentes,[108] e assim como, a cada onda de racionalização, esforços e alertas "tradicionalistas" podem ser ouvidos, recusa e resistência mobilizam-

107 Ver, por exemplo, Luhmann, 1996, p.256 ss.

108 Ver sobre isso, detalhadamente, Rosa, 1998, p.305 ss. e 417 ss.

-se contra cada novo avanço aceleratório – e em todos os três aspectos, ainda que com atrasos ou modificações, o processo de modernização avança inexoravelmente. E, da mesma forma que os outros quatro processos básicos da modernização, também a aceleração social traz sempre consigo sua contratendência paradoxal – a imobilização social. *Como é possível conceber* – em um plano cultural e estrutural – *ao mesmo tempo aceleração social e cristalização do mundo social?* Essa é a questão central para o entendimento do caráter ao mesmo tempo estático e dinâmico da Modernidade. Somente uma teoria da Modernidade que esteja em condições de solucionar essa questão pode pretender fazer jus analiticamente à totalidade dessa formação histórica.

No entanto, tal solução do problema de conceitualização me parece inapropriado.[109] *O tempo* não pode ser colocado conceitualmente ao *lado* dos fenômenos culturais, estruturais, das relações para com a natureza e para consigo; ele é, isso sim, uma dimensão central e constitutiva dos mesmos, bem como e a *aceleração* se mostra um aspecto e um elemento de cada um dos quatro desenvolvimentos aqui relacionados. Ela parece representar sobretudo um princípio que os une e os impulsiona, embora se mostre ora como causa, ora como consequência das outras tendências modernas.[110] Na quarta parte da presente investigação seguirei algumas pistas que indicam que a aceleração

109 Agradeço em grande medida às objeções críticas de Andrew Arato e Hanns-Georg Brose em relação a minhas primeiras tentativas de conceitualização.

110 Diferenciação, racionalização, domesticação e individualização podem ser interpretadas de forma consistente como estratégias da aceleração. A meu ver, tal permeabilidade transcategorial só pode ser reivindicada, entre os outros processos, pela racionalização.

poderia se mostrar até mesmo mais fundamental que as outras categorias, uma vez que os processos de diferenciação, racionalização ou individualização sucumbem ou se revertem quase em seu contrário ao se tornarem disfuncionais para mais aceleração. Além disso, parece plausível, como veremos, interpretar as tendências paradoxais de cada um dos quatro processos de modernização igualmente como consequências colaterais (não intencionais) da aceleração social: a desintegração social seria, assim, uma consequência da crescente dessincronização social; a destruição ambiental, uma consequência da sobrecarga do ciclo cronológico de regeneração da natureza; a perda da individualidade "qualitativa", um subproduto do aumento do ritmo da vida; e o abandono da autonomia racional, resultado da "temporalização do tempo". Sob essa perspectiva, as outras tendências de modernização aparecem, por assim dizer, como funções e formas de manifestação da aceleração.

Aceitando-se essa "transversalidade" irredutível da aceleração social em relação aos outros pilares do quadro de análise "clássico", uma segunda estratégia para situar a aceleração na estrutura fundamental das categorias da modernização parece ser a distinção, sugerida por Luhmann, entre as dimensões coisal, temporal e social. A aceleração seria, com isso, simplesmente um princípio evolutivo central na dimensão temporal da Modernidade. Contudo, também tal procedimento de redução de complexidade fracassa aqui: a transformação característica das estruturas temporais se dá exatamente nas dimensões coisal e social da sociedade moderna. A tese por mim defendida é que a evolução nas dimensões coisal e social seguiria exatamente a lógica de transformações, especificamente temporal, da aceleração. A reinterpretação do processo de modernização

sob o aspecto da aceleração social ambiciona, com isso, algo mais abrangente do que aquilo que a diferenciação das três dimensões (de sentido) sugere.

A investigação que se segue não pode, portanto, se contentar com a análise da aceleração como um aspecto isolável, parcial, da modernização. Ela não se abstém de conduzir a definição e a análise do processo de aceleração ao longo das quatro dimensões (estrutura, cultura, relação para consigo mesmo e relação para com a natureza) e sob a consideração das três dimensões de sentido. A estrutura categorial elaborada, que deve servir como meio de auxílio heurístico na diferenciação analítica de perspectivas de investigação, pode, com isso, aguçar o olhar para a complexidade do processo de modernização e para as múltiplas interações entre as tendências de evolução aqui identificadas, cuja dinâmica agora nos caberá decifrar. A estruturação da análise não segue, no entanto, as diretrizes "externas" daquele sistema de categorias, mas sim a lógica conceitual e objetiva "interna" da própria aceleração. Ainda assim, ao fim do livro tentarei reintegrar os resultados encontrados a esse esquema, com o intuito de poder precisar a definição da função e do *status* da aceleração no contexto da modernização.

III
O que é a aceleração social?

1. Uma reflexão preliminar: aceleração e aumento

A introdução de uma definição do conceito de aceleração social que seja analiticamente satisfatória e empiricamente instrutiva representa, em face do contorno notoriamente pouco nítido do referido conceito na discussão sociocientífica atual, um primeiro e fundamental desiderato de pesquisa.[1] Com isso surge, naturalmente, em primeiro lugar, o problema de se po-

1 A situação lastimável da pesquisa nesse contexto também se reflete no trabalho filosófico-ensaístico de Lothar Baier, *Keine Zeit!* 18 versuche über die Beschleunigung [Nenhum tempo! 18 ensaios sobre a aceleração] (2000, p.12), com a honestidade ao mesmo tempo precisa e desarmante de uma confissão: "Para mim não ficou claro como são obtidas as taxas de aceleração de uma sociedade. Ainda que esteja correto que nossas sociedades se encontram em um movimento interno incessante – que mal pode ser descrito ou mesmo definido de forma compreensível sem ser por meio de expressões marcadas –, isso está longe de significar que elas seguem em frente como um todo, independente se de forma rápida ou acelerada".